



Documento

“Yakimono to Brasil to Watakushi” (Cerâmica, Brasil e Eu) Entrevista: por Shoko Suzuki

Shoko Suzuki

Japão/Brasil. Ceramista nasceu em Tokyo em 1929.

Em 1966 instala seu ateliê na cidade de Cotia/SP.

É reconhecidamente a artista masi representativa da tradição e da arte cerâmica no Brasil .



Figura 1 - Reprodução de fotografia da artista Shoko Suzuki no período de instalação do seu ateliê em Cotia/SP.

Como estava tão apaixonada por cerâmica, procurei o mestre Toukou Karasugui e pedi para que me ensinasse tudo sobre essa arte. Isso foi por volta do ano de 1953. A partir de então, fui morar em um bairro chamado Musashino, na cidade de Chofu, Tóquio, construindo o ateliê e um forno batizado de “Koshujigama”. Também, seguindo a orientação dele, me tornei membro da associação Totokai, cujo presidente era Hazan Itaya, um dos ceramistas mais famosos da era Showa. Foi uma época de intensas atividades, mas foi muito útil para aprender o ofício com muitos dos ceramistas.

No Brasil, ainda hoje, muitas pessoas me perguntam: Por que começou a fazer cerâmica? Acho que as experiências e sofrimentos durante a Segunda Guerra

Mundial me levaram a pensar sobre o sentido da vida, entre outros motivos. Desde aquela época, passei a experimentar uma sensação muito especial ao estar envolvida com as cerâmicas, algo como amor, harmonia, delicadeza e de vida em si. Com as cerâmicas, sinto como se estivesse protegida por um profundo carinho materno e, ainda, tomada por um misterioso sentimento de que isso é duradouro. Foi por tudo isso que me apaixonei pela cerâmica.

Antes de emigrar ao Brasil, frequentemente imaginava que o lugar de meu trabalho deveria ser bem longe do Japão. No fim de 1961, assisti a um programa do NHK que exibia cenas do Brasil, tais como fazenda, bairro japonês, cidade de São Paulo, Amazonas e a capital Brasília. Esta, com os seus prédios recém-construídos pelo arquiteto Oscar Niemeyer, ainda cercados pela mata, que me deixou chocada, e comecei a pensar o quão grande era o Brasil. Se esse povo tem o poder de realizar seu sonho construindo uma cidade e um país desta forma, seu futuro deve ser bem maravilhoso.

Naquele momento, diante dessa revelação, fiquei sem fala. Há muito tempo esperava a chegada do momento em que encontraria um país e um povo assim. Tomei a decisão de emigrar ao Brasil e meu marido e pintor, Yukio Suzuki, concordou comigo. No dia seguinte, sem perda de tempo, procurei um dos conhecidos que estava envolvido num trabalho relacionado ao Brasil. Ao constatar nossa convicção, ele não conseguiu recusar nosso pedido e encarregou-se de preparar toda documentação de emigração. Imediatamente começamos a desmontar o ateliê e o forno, e colocamos a casa à venda. E foi assim que, em 30 de março de 1962, conseguimos embarcar no navio Argentina-Maru com destino ao Brasil. Deixamos tudo para trás, e rumamos ao Brasil dispostos a iniciar uma nova vida, literalmente do “zero”. Decidi que, nessa nova morada, iria recomençar a cerâmica do “zero”, e tentar criar obras que pudessem tocar o coração das pessoas, que fizessem com que elas pudessem sentir a poesia, música e amor que foram gravadas nelas. Será que isso seria possível para mim? Se não conseguisse, nada teria sentido. Tentar viver e alcançar esse objetivo, a partir daquele instante, tornara-se a coisa mais importante. Quando chegamos a Santos, depois de 41 dias de uma viagem livre de afazeres, senti uma emoção muito forte, como se estivesse sendo acolhida por minha mãe, de um jeito tão amoroso. Nunca me

esqueci daquela emoção ao dar meus primeiros passos no porto de Santos, no dia 13 de maio de 1962, e é isso que tem me fortalecido diariamente nesses 50 anos de Brasil. Aqui, neste meu novo lar, a primeira preocupação foi tentar encontrar argila e matéria-prima para produção de esmalte. Minha intenção era, a partir da minha chegada, fazer obras usando exclusivamente matérias encontradas no Brasil. Graças a Deus, tivemos a felicidade de estar sempre rodeados de pessoas amigas, sempre prontas a nos ajudar. Logo após a chegada, conseguimos alugar uma casa de empregado, que pertencia a um sitiante, localizada na mata chamada Sertãozinho em Mauá. Então, sem perda de tempo, começamos a procurar os materiais para fazer cerâmica. Levávamos baldes e andávamos descalços, como os caboclos, mas não causamos estranheza em ninguém. As mulheres que lavavam as roupas na beira do lago nos cumprimentavam com “Bom dia”. Naquela época, a colaboração e os conselhos do senhor Mizuno, dono de uma fábrica de cerâmica, foram de grande ajuda. A casa que alugamos era semelhante àquelas de pau-a-pique, com paredes de bambu e barro, e muito pequena. Por isso, depois de instalar o te-rokuro (torno manual) e uma prateleira para guardar os materiais, não sobrou espaço para dormirmos. Assim, a prateleira acabou virando cama, com os cobertores estendidos sobre as tábuas. Se de um lado fiquei maravilhada com a luz da lua que entrava pelos vãos do telhado ou da parede e iluminava o interior da casa; por outro lado, estava extremamente tensa ao começar uma nova vida, aqui no Brasil, como ceramista. Depois de conseguir localizar vários tipos de argila e de analisar a natureza das cinzas para produzir os esmaltes, começamos a construir nossa casa e o ateliê, em Cotia. O terreno que compramos, logo depois da chegada ao Brasil, ficava no km 24 da Estrada Raposo Tavares. Naquela época, o nosso bairro ainda não era muito desenvolvido e o ônibus passava apenas uma vez a cada 40 minutos. Por isso, para nós, foi muito adequado pois precisávamos usar o forno a lenha, do qual saía muita fumaça. Finalmente, Yukio começava a se concentrar como pintor. Mas, quando realizamos a obra de nivelamento e conseguimos levantar a estrutura da casa e do ateliê, aconteceu algo inesperado e acabou todo o dinheiro que tínhamos. Em meio a essa dificuldade, eu me lembrei de uma amiga que fazia bijuterias e que me dera um pequeno forno elétrico e, eu também comecei a fazer esse tipo de peças. Felizmente, as pessoas gostaram e consegui vendê-las rapidamente. No fim, apareceu uma loja,

cujo dono era alemão, e comprou tudo que eu tinha feito. Assim, conseguimos continuar a construção da casa e do ateliê, mas eu não conseguia fazer minhas próprias obras como ceramista. Angustiada com isso, sem condições de aguentar essa situação, parei de confeccionar essas bijuterias e, infelizmente, recomeçamos a enfrentar dificuldades financeiras.

Justamente nesse momento crítico, nos visitaram a professora Hideko Akamo, então presidente da escola Ikenobo Kadokai Nambei Shibu, e a professora Yaeko Asai do Centro Chado Urasenke do Brasil. Talvez tenham ficado penalizadas assistindo àquela cena em que eu própria assentava os tijolos, um a um, pois me disseram que gostariam de nos ajudar financeiramente, juntando força com outros colegas. Prontamente recusei essa ajuda financeira, mas elas não pararam de pensar em uma forma de nos ajudar. Assim, recebemos madeiras usadas em construção para queimar no forno, tijolos usados, toras de eucaliptos para suporte da cobertura do forno, legumes e verduras frescas, frutas e comidas caseiras, etc. Fortalecida com as ofertas dos amigos, comecei a dar aulas de cerâmica como um ato de agradecimento. Esta era a primeira vez que dava aula de cerâmica no Brasil, e todos os participantes estavam se esforçando para fazer o melhor. Recordo que, naquela época, um dos alunos mais idosos trazia sua netinha de vez em quando. Essa menina só assistia à aula, não mexia com barro, mas depois de 40 anos, ela se tornou uma ceramista brilhante e este fato me impressionou bastante. No final do ano 1965, terminei de construir meu pequeno forno do tipo Noborigama aproveitando a inclinação do terreno, e batizei-o de "Saigama" e acendi o primeiro fogo em meu próprio forno. Assim, finalmente, estava realizando o sonho de produzir minhas obras no Brasil no meu próprio forno. Desde então, dia e noite, vivia girando o torno manual confeccionando as peças. Em 1967, realizei o primeiro Kamabiraki (ritual de abertura da fornada, e a exposição e venda das obras que saem do forno aos convidados, admiradores e amigos), quando coloquei minhas obras no quintal, na verdade, num gramado. Nessa ocasião, graças ao esforço das professoras Hideko Akamo e Yaeko Asai, num lugar distante do centro da cidade, com pouco movimento de pessoas e de carros, estiveram reunidas cerca de 800 pessoas, descendentes de japoneses da primeira e segunda geração. Ao ver tanta gente interessada, pegando e

analisando minhas obras, fiquei muito impressionada e, mais uma vez, extremamente feliz, como aconteceu no primeiro acendimento do forno.

Na verdade, faltam-me palavras para expressar fielmente esses sentimentos, afinal, tinha certeza que aquele era o primeiro passo da minha vida como ceramista. Fiquei muito feliz e profundamente grata ao ver que Deus me abençoou ricamente e me deu tantos fãs, como um casal de arquitetos que, em 45 anos, não faltou a nenhum Kamabiraki.

No primeiro Kamabiraki, uma obra me chamou muito a atenção. Era um pote de cor acinzentada, com partes em que a tonalidade de cinza era mais escura, e na região da curvatura formaram-se figuras espalhadas da cinza de araucária. Ao pegar este pote, pensei: é uma obra do tipo clássico, mas revelava a magia da queima que só se consegue por meio do forno à lenha. Pensava nisso quando um senhor manifestou o desejo de comprá-lo. Tratava-se de um pintor muito famoso. Como ele aceitou meu pedido de me emprestar toda vez que precisasse da peça para uma exposição especial, eu lhe vendi a peça. Desde então, o Kamabiraki se tornou um evento cultural, promovendo o encontro das pessoas, incluindo os descendentes de japoneses da segunda e terceira geração e os alunos brasileiros. Nesses anos todos, consegui realizar inúmeras exposições individuais, tais como na Galeria de Arte Ipanema de Rio de Janeiro, em 1971; e na Galeria Eucatex de São Paulo, em 1973. Em 1975, o diretor do Museu de Arte de São Paulo (MASP), Professor Pietro Bardi, me convidou para uma exposição que foi vista por um numeroso público. Entre as obras, estava uma peça especial para mim pois, finalmente, conseguira expor um pote que fora fruto de tantas tentativas desde que morava no Japão. Nela, a cinza desenhava uma figura, como um fluxo, tão bonita, cuja extremidade ficara transparente, como se fosse vidro. Esta estampa era uma imagem que imaginara mas, por tantos anos, não conseguira produzi-la. Depois, realizei exposições na Galeria Bonino no Rio de Janeiro, em 1976; no Museu de Arte de Prefeitura Belo Horizonte, em 1978, novamente na Galeria Bonino, em 1981; e na Galeria São Paulo, em 1983. Quando esta terminou, decidi realizar meu antigo sonho e que inspirou a mudança do rumo da minha vida, ou seja, de mudar ao Brasil: uma exposição em Brasília. Eu queria montar uma exposição nessa cidade projetada por Oscar Niemeyer, mas somente

quando, eu própria, reconhecesse o crescimento no meu trabalho como ceramista. Achava que a hora chegara.

Então, pedi ajuda para Eunice Yokota, Tomoe Yokota, Naomi Ikeda, fundadoras da Toki Arte Galeria, que apoiavam muitos artistas e jovens com vontade de se tornar ceramistas. Em 1984, realizei a tão sonhada exposição na Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília. Quando subi na Torre de TV e pude ver a cidade inteira, aquela Brasília que me motivou a emigrar ao Brasil, não conseguia parar de chorar. Depois de Brasília, realizei outras exposições, como na Toki Arte Galeria, em 1988; na Galeria LGC Arte Hoje do Rio de Janeiro, e no Museu da Casa Brasileira, em 2003, para comemorar meus 50 anos como ceramista. Nessa ocasião, muitos fãs e amantes de artes vieram me saudar e visitar minhas obras. Em 2006, realizei uma exposição com o título “Michi” (Caminho) no Espaço Cultural Citigroup, em São Paulo. Nessa ocasião, refleti profundamente que, por longo tempo, consegui trilhar meu caminho como ceramista, com muita oração. Sim, todas as minhas obras são frutos da minha vida sempre acompanhada de argila, terra. Quando terminei aquela exposição de 50 anos, senti alívio, mas também percebi que não podia esquecer algo muito importante: precisava ensinar, ou transferir minha arte e técnicas de torno para as pessoas que vão construir o futuro da arte da cerâmica. Felizmente, na minha trajetória, tive discípulos excelentes que, sabendo da minha vontade, continuaram criando suas obras e chegaram a construir um novo forno, o “Akebonogama”. É mais uma coisa inesquecível e impressionante em minha vida. Neste ano estou completando 50 anos no Brasil. Desejo continuar o resto de minha vida dando valor às preciosas experiências que estou tendo o privilégio de viver aqui neste país.

Shoko Suzuki

Depoimento publicado originalmente no livro Raízes da arte Kogei no Brasil (2012).



Figuras 1 e 2 - Shoko Suzuki trabalhando em seu ateliê.
Fotos: Fabio Matsuura





Figura 3 - Shoko Suzuki, cerâmica finalizada e queimada em forno noborigama.
Foto: Fabio Matsuura.



Figuras 4 e 5 - Peças de Shoko Suzuki em exposição permanente no ateliê Terra Bela em Cotia/SP. Ver: <https://www.atelierterrabela.com/mostra>
Fotos: MMF



Figura 6 - Shoko Suzuki, Terra, 1997, esmalte de cinzas diversas pontilhado com óxido de ferro, cobalto e cobre. Noborigama a 1250° C
Foto: MMF